

As trajetórias da dança afro americana: a contemporaneidade da *Urban Bush Women Company*

Fernando Marques Camargo Ferraz
Programa de Pós-Graduação em Artes IA-UNESP (mestrando)
Estética e poéticas cênicas. Or. Profa. Dra. Marianna F. M. Monteiro.
Bolsa FAPESP.
Discente de PPGs, bailarino.

Resumo: O artigo analisa as estratégias dos artistas da dança afro americana em seus processos de criação. Toma como estudo de caso o espetáculo apresentado pela Companhia *Urban Bush Women* em março de 2010, na capital paulistana. A pesquisa, através de apontamentos históricos, intenta mostrar a diversidade desta expressão na contemporaneidade, assim como, levantar questões sobre as ressonâncias destes arranjos no cenário artístico brasileiro. São temas as formas pelas quais os coreógrafos concebem a dinâmica entre tradição e criação, ou seja, como as particularidades de um vocabulário corporal étnico são assimiladas, recriadas e experimentadas na dança contemporânea. A partir das releituras deste universo corporal diaspórico, identificar elos entre atuação artística e identidades sociais.

Palavras-chave: dança-afro americana, dança contemporânea, identidades, *Urban Bush Women*, Pearl Primus.

Ao pensarmos sobre a dança negra americana, o que se vislumbra é um panorama dos mais diversos, composto desde a dança de salão, embaladas pelo *Ragtime* e pelo *Swing*, até o sapateado (*Tap*), a *Jazzdance* ou mesmo a *Streetdance*. Na verdade, todas essas manifestações relacionam-se aos padrões perceptíveis de movimentação que fazem alusão, em maior ou menor grau, às matrizes corporais africanas incorporadas no território americano durante a diáspora negra.

Existe um debate atualmente na dança negra americana que tenta responder como as dinâmicas entre tradição e criação se articularam nos procedimentos coreográficos dos seus artistas. Como as características particulares de um vocabulário corporal étnico africano foram e ainda hoje permanecem sendo assimiladas, recriadas e experimentadas pela dança cênica? Como os motivos corporais de uma dança que se ocidentalizou, através da história brutal da escravidão, constituem-se como parte de uma linguagem de dança contemporânea ao mesmo tempo étnica e universal? DeFrantz (2002), Manning (2004) Albright (1997) e Burt (2004) são alguns dos autores que se debruçam sobre estas questões, refletindo sobre a história da dança negra americana, a partir da atuação de artistas como Katherine Dunham, Pearl Primus, Bill T. Jones Alvin Ailey apenas para citar alguns. Neste âmbito também se inscrevem questões sobre como a atuação destes artistas mesclou engajamento político, luta contra estereótipos e uma constante busca em suas criações por expressões de identidade cultural.

É sem dúvida nessa seara que se encontra o trabalho de Jawole Willa Jo Zollar, coreógrafa da *Urban Bush Women Company* (UBW). A apresentação da Companhia, realizada dia 25 de março de 2010 no SESC Pinheiros, em São Paulo, com um programa

composto por três coreografias mostrou a força do trabalho da coreógrafa e diretora artística do Grupo. Jawole é herdeira de uma linhagem da dança moderna afro-americana, nascida na cidade de Kansas, tem em seu extenso currículo a influência de Joseph Stevenson, ex-aluno da lendária Katherine Dunhan (1909-2006), uma formação vinculada a dois programas de ensino superior de dança nos Estados Unidos (Universidade de Missuori e Universidade do Estado da Flórida), além de estudos com a premiada coreógrafa afro-americana Dianne McIntyre em Nova York. A Companhia, fundada em 1984, no Brooklyn, possui mais de 30 obras apresentadas. Zollar também acumula grande reconhecimento entre instituições promotoras das artes nos Estados Unidos como a *Guggenheim Foundation*, o *Kennedy Center of Performing Arts*, a *Ford Foundation*, só pra citar algumas.

Sua apresentação no Brasil contou com o apoio institucional do Consulado Geral dos Estados Unidos, fato que somente afirma o mérito de Zollar e sua companhia. A coreógrafa subiu ao palco várias vezes, ora anunciando as coreografias, ora narrando os caminhos pelos quais a UBW percorreu na paulicéia. Visitaram o Grupo de mulheres percussionistas Ilú Obá De Min¹ e impressionaram-se com o trabalho realizado, congratulando também a cidade pela acolhida. A coreografia mais impactante encerrou a noite, “Andando com Pearl... diários da África”, criada em 2004, é uma homenagem a bailarina, coreógrafa e antropóloga Pearl Primus (1919-1994).

Primus foi uma das maiores expoentes da tradição negra na dança moderna americana. Influenciada pelas questões do movimento negro “*Harlem Renaissance*”², a artista focava em suas coreografias temas como a herança cultural africana, o sistema econômico opressor, a violência e preconceito racial. Primus fez sua primeira apresentação em 1941, nos tempos da Segunda Guerra Mundial e soube como ninguém associar questões entre democracia e igualdade racial. Também viajou aos estados do Sul dos EUA, como antropóloga e artista interessada em pesquisar as influências africanas nos ritmos e movimentos visualizados nas Igrejas e campos das comunidades negras rurais. Em 1948, alimentada pelo movimento pan-africanista de volta á mãe África, recebe subsídio para estudar no continente por nove meses, lá conhece a Costa do Ouro, Angola, Camarões, Libéria, Senegal e Congo Belga (GREEN, 2002 p.120). Nesta viagem experimenta reconhecimentos mútuos sobre a forte herança africana na movimentação dos afro-americanos.

No momento onde se desenvolvem os conflitos pós-coloniais, Primus interage e observa como o continente articula suas próprias formas de arte com um estilo de vida

¹ Entidade empenhada na preservação e divulgação das matrizes culturais afro brasileiras, visando o desenvolvimento individual e coletivo das mulheres negras na sociedade, grupo cuja alcunha antigamente era Oriaxé.

² Movimento cultural que se iniciou no Harlem, entre as décadas 20 e 30, o qual preconizava o uso da arte como forma de articulação afirmativa da identidade racial.

importado, europeu. Como lógicas sociais impõem-se frente às tradições. Primus inaugura um campo particular na dança moderna e congrega a tarefa de preservar e promover a dança afro americana. Sua pesquisa encena quase que etnograficamente, um repertório estético e étnico, onde a questão racial não era apenas retratada ou tematizada, mas incorporada fisicamente. Fora dos parâmetros estéticos dominantes, apesar de ter sido aluna de Charles Weidman, bailarino influente na primeira geração da dança moderna, ela não tivera formação clássica e com seu corpo robusto e pele negra, sempre foi apontada pela crítica como fundadora de um estilo moderno de marcante caráter étnico.

A Companhia *Urban Bush Women*, ao criar “Andando com Pearl...Diários da África”, presentifica o legado de Primus e possibilita indagar sobre a presença da tradição corporal africana no âmbito da dança moderna americana e também, como esta incursão emerge na contemporaneidade. Possibilita o reconhecimento de uma linhagem na dança que, ao repensar sobre os caminhos de superação na construção de uma identidade social e artística, luta por reconhecimento na história desta linguagem.

Nessa coreografia o ritmo é dado por palmas, cantos e principalmente pela palavra. Textos escritos pela própria Pearl Primus são narrados ao vivo, a narradora/performer é mais velha que as bailarinas e também negra. O texto assume em sua voz expressiva um tom confessional, épico. Sob o ritmo da narração, ao estilo dramático de tantas coreografias de Primus (*Strange Fruit, The Negro Speaks of Rivers*), as bailarinas compõem movimentos em grupos de dois a quatro elementos. A respiração, tão cara à dança moderna é retomada com força expressiva fundamental. Caminhos são traçados, figuras xamânicas aparecem, cânticos rituais são entoados. Os movimentos referenciam às matrizes africanas originais, sob a aura também ancestral da releitura do universo diaspórico feito por esta artista pioneira: Pearl Primus.

Aí está sem dúvida a maior beleza do espetáculo, a forma como o movimento se transforma, ganhando novas configurações, rompendo com imagens estereotipadas da dança étnica. Esta dança não é mais africana ela é contemporânea, foi assimilada pelas interferências corporais destas mulheres americanas e afro-descendentes e agora são experimentadas com novas cores e dinâmicas. Aparecem inúmeras combinações de esforço, ações físicas fluem nas mais singulares formas, fluxos espaciais emergem a cada instante. O movimento repetitivo, polirrítmico e ancestralizado é presentificado sob nova energia, onde confluem novas acomodações e demandas. Agora ele é mais sustentado, mais leve, calmo, preciso, sem tornar-se, entretanto, frio, mecânico ou formal.

Essa identidade africana não é um conjunto de fundamentos fixos e essencializados, mas sim produto do jogo histórico, onde cultura e poder negociam seus arranjos e as narrativas de tempos passados são escolhidas e reivindicadas enquanto posicionamento político. Se o produto desta retomada corporal, estética e histórica resulta

num espetáculo tão empolgante, cabe a nós brasileiros indagarmos onde estariam as nossas Pearls Primus, quais as personagens esquecidas de nossa história, quais os elos criativos que a diáspora africana empreendeu em nossa própria terra. Quantos caminhos não abriram Eros Volússia, quantas andanças e descobertas não encontraram Felicitas Barreto, quantos preconceitos não foram vencidos por Mercedes Batista, o caminho a trilhar não é pequeno, mas os vestígios ainda resistem.

Preocupada com o envolvimento social, como incentivo à reconstrução dos laços identitários e a produção cultural de grupos comunitários, a história da UBW subverte a prática assistencialista das políticas afirmativas por uma política engajada. Inúmeras parcerias, em projetos sociais, renderam à companhia reconhecimento. A UBW incentiva nas comunidades a capacitação de agentes sociais transformadores, comprometidas com uma postura emancipatória, de liberdade e igualdade social, racial e de gênero. Seu trabalho cujo despojamento cenográfico recatado, aliado à qualidade técnica e artística invejável de seu elenco, não apenas aborda questões sociopolíticas, mas também aposta numa atitude honesta e grandiloquente. Zollar atesta essa postura ao nomear suas intérpretes como co-autoras das coreografias, bem ao gosto do fazer artístico contemporâneo que se afasta dos posicionamentos meramente contemplativos e personalistas, para uma atitude que respeita a dialogicidade do processo criativo.

Ao final do espetáculo uma catarse esperava o público, após o agradecimento, que corporalmente fundia-se com um benzimento, as bailarinas começaram um improviso estruturado, mesclando batidas de palmas, pés e percussão corporal. Uma dança semelhante a uma *canjira*³, onde cada performer, num mix de regozijo e agradecimento, presenteava a platéia com um solo emocionado.

A companhia, seja pela história da formação de suas integrantes, seja por seu trabalho social em parceria com instituições e Universidades nos Estados Unidos, nos faz pensar sobre nossas próprias lacunas, sobre a necessidade de iniciativas que mesquem a atuação de instituições públicas comprometidas com o ensino superior de qualidade, pesquisa artística em Dança e atuação social. O mérito da Companhia está na sua visão estética transformadora, onde o agenciamento de questões sociais e identitárias geram o mote temático das performances, o que torna um dos nexos da *Urban Bush Women* surpreendentemente contundente: engajar para revelar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

³ Para LOPES (2004, pg.163) Na Umbanda e em terreiros Angolo-congoleses, conjunto de danças rituais, girando em círculo. Há também uma denominação comum no linguajar informal entre os dançarinos de alguns grupos de dança de matriz afro-brasileira que usam este termo para fazer referência às danças realizadas em improviso nos finais dos ensaios e aulas, numa espécie de saudação e agradecimento os dançarinos compõem um semi-círculo em frente aos músicos e vão um a um improvisando movimentos em frente aos instrumentos.

ALBRIGHT, Ann Coper. *Choreographing Difference: the body and identity in Contemporary Dance*. Middletown: University of Wesleyan, 1997.

BURT, Ramsay. Katherine Dunham's floating island of negritude: the Katherine Dunham Dance Company in London and Paris in the late 1940's and early 1950's. In: CARTER, Alexandra. *Rethinking Dance History: a reader*. New York: Routledge, 2004.

DEFRANTZ, Thomas F. *Dancing many drums: excavations in African American dance*. Madison, University of Wisconsin Press, 2002.

GREEN, Richard C.. (Up)Staging the Primitive: Pearl Primus and "the Negro Problem" in American Dance. In: DEFRANTZ, Thomas F. *Dancing many drums: excavations in African American dance*. Madison, University of Wisconsin Press, 2002.

LOPES, Nei. *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*. São Paulo, Selo Negro, 2004.

MANNING, Susan. *Modern dance, negro dance: race in motion*. Minneapolis: University of Minnesota, 2004

MARQUES, Isabel A. *Ensino de dança hoje: textos e contextos*. 5ed. São Paulo: Cortez, 2008.

RENGEL, Lenira. *Dicionário Laban*. São Paulo: Annablume, 2003.

SANTOS, Inaicyra Falcão dos. *Corpo e Ancestralidade: uma proposta pluricultural de dança-arte-educação*. Salvador: EDUFBA, 2002.

Sites consultados:

<http://www.urbanbushwomen.org/> (site oficial da Companhia, consultado entre maio e agosto de 2010)